

MAGNIFICA HUMANITAS

Coleção **Magistério**

- Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*: sobre o amor na família, Papa Francisco
- Carta Apostólica *Misericordia et Misera*: no termo do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, Papa Francisco
- Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate*: sobre o chamado à santidade no mundo atual, Papa Francisco
- *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* – Documento final, Sínodo dos Bispos
- Carta Encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da Casa comum, Papa Francisco
- Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: a alegria do Evangelho, Papa Francisco
- Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus Vivit*: para os jovens e para todo o povo de Deus, Papa Francisco
- "Querida Amazônia": Exortação Apostólica Pós-sinodal, Papa Francisco
- Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social, Papa Francisco
- Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*: sobre a formação litúrgica do povo de Deus, Papa Francisco
- Carta Apostólica *Totum Amoris Est*: no IV centenário da morte de São Francisco de Sales, Papa Francisco
- Exortação Apostólica *Laudate Deum*: sobre a crise climática, Papa Francisco
- Exortação Apostólica *C'est la confiance*: sobre a confiança no amor misericordioso de Deus, Papa Francisco
- Uma Igreja sinodal em missão: relatório de síntese da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos – Primeira Sessão
- Declaração *Fiducia Supplicans*: sobre o sentido pastoral das bênçãos, Dicastério para a Doutrina da Fé
- *Spes non confundit*: Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário do Ano 2025, Papa Francisco
- Carta Encíclica *Dilexit Nos*: sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus Cristo, Papa Francisco
- Exortação Apostólica *Dilexi Te*: sobre o amor para com os pobres, Papa Leão XIV
- Carta Encíclica *Magnifica Humanitas*: sobre a salvaguarda da pessoa humana na era da inteligência artificial, Papa Leão XIV

CARTA ENCÍCLICA DO
PAPA LEÃO XIV

MAGNIFICA HUMANITAS
SOBRE A SALVAGUARDA DA PESSOA HUMANA
NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Lettera Enciclica Magnifica Humanitas - sulla custodia della persona umana nel tempo dell'Intelligenza Artificiale*

© **dos textos originais, 2026:**

Amministrazione del Patrimonio
della Santa Sede Apostolica;
Dicastero per la Comunicazione
Libreria Editrice Vaticana

Tradução: © Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Revisão para o português brasileiro:

João Vítor Gonzaga Moura
Vinícius Caetano
Gabriel Neves da Cruz
Haru Pereira

As citações bíblicas desta obra foram transcritas da Bíblia Sagrada – Tradução da CNBB, 6ª edição – 2022.

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme, Tatianne Francisquetti,
Tarsila Doná, Lucas Giron

Design

Andrea Cristina Florez Marin

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-6580-4

ÍNDICE

LISTA DE SIGLAS	7
INTRODUÇÃO	9
As <i>res novae</i> do nosso tempo	10
Duas imagens bíblicas	12
Construir no bem.....	15
Permanecer humanos	16
CAPÍTULO I – UM PENSAMENTO DINÂMICO FIEL AO EVANGELHO.....	
19	
Uma Igreja que caminha na história da humanidade	19
A evolução do Magistério social desde Leão XIII aos dias de hoje.....	25
Uma leitura da história à luz da fé	36
CAPÍTULO II – FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA	
37	
Fundamentos da Doutrina Social	38
Princípios da Doutrina Social.....	43
O desenvolvimento humano integral.....	53
Um teste para a Igreja.....	55
CAPÍTULO III – TÉCNICA E DOMÍNIO: A GRANDEZA DA PESSOA HUMANA PERANTE AS PROMESSAS DA IA.....	
57	
O paradigma tecnocrático e o poder digital	58
A inteligência artificial.....	60

O que não podemos perder	67
O verdadeiro “mais que humano”: graça e humanismo cristão.....	73
Duas cidades e dois amores.....	75
CAPÍTULO IV – SALVAGUARDAR O HUMANO NA TRANSFORMAÇÃO: VERDADE, TRABALHO, LIBERDADE	77
A verdade como bem comum	77
A dignidade do trabalho na transição digital.....	85
Salvaguardar a liberdade contra a dependência e a mercantilização.....	95
Uma responsabilidade partilhada.....	101
CAPÍTULO V – A CULTURA DO PODER E A CIVILIZAÇÃO DO AMOR	103
A civilização do amor na era digital	104
A cultura do poder	105
Construir a civilização do amor	115
CONCLUSÃO	123
O Verbo fez-se carne.....	123
Um único corpo em Cristo.....	125
O canteiro de obras do nosso tempo.....	127
O cântico da esperança: <i>Magnificat</i>	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133

LISTA DE SIGLAS

AA	<i>Apostolicam Actuositatem</i>
AqN	<i>Antiqua et Nova</i>
CA	<i>Centesimus Annus</i>
CDSI	Compêndio da Doutrina Social da Igreja
CIgC	Catecismo da Igreja Católica
CV	<i>Caritas in Veritate</i>
DCE	<i>Deus Caritas Est</i>
DFSS	<i>Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão: Documento final</i>
DH	<i>Dignitatis Humanae</i>
DIn	<i>Dignitas Infinita</i>
DN	<i>Dilexit nos</i>
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
EV	<i>Evangelium Vitae</i>
FT	<i>Fratelli Tutti</i>
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
GSa	<i>Gratissimam Sane</i>
IMy	<i>Incarnationis Mysterium</i>
LD	<i>Laudate Deum</i>
LE	<i>Laborem Exercens</i>

LG	<i>Lumen Gentium</i>
LS	<i>Laudato Si'</i>
MM	<i>Mater et Magistra</i>
MN	<i>Menti Nostrae</i>
OA	<i>Octogesima Adveniens</i>
OPq	<i>Oeconomicae et pecuniariae quaestiones</i>
PP	<i>Populorum Progressio</i>
PT	<i>Pacem in Terris</i>
QAn	<i>Quadragesimo Anno</i>
QVH	<i>Quo vadis, humanitas?</i>
RH	<i>Redemptor Hominis</i>
RN	<i>Rerum Novarum</i>
SCa	<i>Sacramentum Caritatis</i>
SRS	<i>Sollicitudo Rei Socialis</i>
TMA	<i>Tertio Millennio Adveniente</i>
VS	<i>Veritatis Splendor</i>

INTRODUÇÃO

1. A MAGNÍFICA HUMANIDADE criada por Deus encontra-se hoje perante uma escolha decisiva: erguer uma nova torre de Babel ou construir a cidade onde Deus e a humanidade habitam juntos. Cada geração recebe em herança a tarefa de dar forma ao seu tempo: de fazer amadurecer a história como um lugar onde a dignidade de cada pessoa seja salvaguardada, a justiça promovida e a fraternidade possibilitada. Sobre cada época, porém, paira o risco de se construir um mundo desumano e mais injusto. Ali onde a humanidade corre o perigo de perder sua identidade, nós, cristãos, erguemos os olhos para o Deus feito carne, sabendo que “o mistério do homem não se torna verdadeiramente claro senão no mistério do Verbo Encarnado” (GS, n. 22). Em Jesus Cristo, essa magnífica humanidade torna-se o Caminho, a Verdade e a Vida, abrindo a cada um de nós a via para crescermos até a plenitude.

2. Alicerçados em Cristo, a pedra viva, experimentamos a poderosa e misteriosa ação do Espírito Santo e acreditamos que todo autêntico esforço humano de cooperar com Ele para o bem será abençoado pelo Pai celeste, no qual depositamos nossa esperança. Por isso, com determinação, podemos contribuir em todas as iniciativas que constroem um mundo mais justo e convidar outros a colaborar conosco na promoção do desenvolvimento integral de cada ser humano. Desejamos entrar em diálogo com todos os homens e mulheres do nosso tempo, com os quais partilhamos os acontecimentos, as questões e as aspirações da humanidade (GS, n. 11). Com eles, queremos identificar novos caminhos para o bem comum e para a promoção de uma vida digna para todos. Essa atitude de diálogo é parte integrante da vocação da

Igreja, pois ela – constituída em Cristo “como sacramento [...] da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG, n. 1) – reconhece a história como o lugar onde o Evangelho interpela e acompanha a experiência humana.

3. Com esse espírito, Leão XIII publicou, em 1891, a encíclica *Rerum Novarum*, cujo 135º aniversário celebramos este ano com viva gratidão. O meu amado predecessor deu impulso, com esse documento, àquela reflexão sobre a sociedade, a economia e a política a que hoje chamamos “Doutrina Social da Igreja”. E quando alguns contestavam que a Igreja não devia desperdiçar energias em questões mundanas, mas preocupar-se em comunicar uma mensagem de vida eterna, ele respondia com realismo e sabedoria que o anúncio do Evangelho não pode esquecer a vida concreta dos povos (RN, 15). Passaram-se muitas décadas desde então, e o Magistério, os pastores, os teólogos e os fiéis continuaram a refletir sobre as questões sociais à luz do Evangelho. Hoje, a Doutrina Social da Igreja é um patrimônio de sabedoria, no qual encontramos princípios para pensar, critérios para discernir e julgar, orientações concretas para agir. Ela se baseia na Sagrada Escritura e na Tradição e, em diálogo com as ciências, ajuda-nos a ler os desafios do presente com lucidez, identificando caminhos adequados para viver, com alegria e a serviço do mundo, um límpido testemunho cristão. Não se trata de um conjunto estático de conceitos, mas de um *corpus* vivo de verdades, que preserva e interpreta a vocação da humanidade à vida plena e justa. Desejo, portanto, juntar minha voz a esta tradição viva, invocando a ajuda do Espírito de sabedoria, que habita o mundo desde os seus primórdios (cf. Pr 8,22-31).

As res novae do nosso tempo

4. Se, na sua época, Leão XIII falava de “novas questões” (*rerum novarum*), hoje não podemos simplesmente repetir seus preciosos ensinamentos, mas devemos pedir a Deus a sabedoria para interpretar as grandes tendências do nosso tempo, em particular os progressos

da técnica. Nos últimos anos, tornou-se cada vez mais evidente o quão rápida e profundamente a digitalização, a inteligência artificial (IA) e a robótica estão transformando o nosso mundo. A técnica não deve ser considerada, em si mesma, como uma força antagônica em relação à pessoa: pelo contrário, está enraizada na nossa história desde o início, na medida em que é “um dado profundamente humano, ligado à autonomia e à liberdade do homem” (CV, n. 69). Ao longo dos séculos, o desenvolvimento tecnológico contribuiu para uma melhoria significativa das condições de vida da humanidade; ao mesmo tempo, cada fase do progresso também revelou o lado ambíguo de instrumentos que, quando não orientados para o bem, são capazes de causar danos. Hoje, no entanto, estamos diante de uma situação nova, em que o poder e a disseminação das tecnologias emergentes se inserem no curso da vida cotidiana, moldam os processos de decisão e incidem profundamente no imaginário coletivo: “Nunca a humanidade teve tanto poder sobre si mesma” (LS, n. 104). As novas tecnologias abrem um horizonte alargado em direções que, embora imagináveis, não podemos ainda antever plenamente. Isso torna mais complexo avaliar seu impacto, bem como os efeitos a longo prazo sobre a dignidade das pessoas e o bem comum.

5. Cabe-nos agora enfrentar, com lucidez e responsabilidade, os desafios do nosso tempo. É necessário adotar instrumentos normativos adequados, capazes de salvaguardar a justiça e conter os efeitos nocivos do poder tecnológico. Mas a questão não se esgota na regulamentação. Como alertou o papa Francisco, devemos nos perguntar com realismo quem detém hoje esse poder e para que fins o orienta: “Não podemos, porém, ignorar que a energia nuclear, a biotecnologia, a informática, o conhecimento do nosso próprio DNA e outras potencialidades que adquirimos [...] dão, àqueles que detêm o conhecimento e sobretudo o poder econômico para o desfrutar, um domínio impressionante sobre o conjunto do gênero humano e do mundo inteiro” (LS, n. 104). Outrora, eram sobretudo os Estados a orientar e a dirigir a inovação. Hoje, pelo contrário, os principais motores do desenvolvimento são

sujeitos privados, frequentemente transnacionais, dotados de recursos e capacidades de intervenção superiores aos de muitos Governos. O poder tecnológico assume, destarte, uma identidade inédita, predominantemente “privada” e, portanto, ainda mais difícil de discernir, gerir e orientar para o bem comum.

6. Assim, é preciso iniciar um discernimento partilhado, capaz de penetrar nas raízes espirituais e culturais das transformações em curso. Se nos limitarmos às contingências, corremos o risco de deixar que uma série de emergências decida, em nosso lugar, a direção do caminho. Estamos vivendo uma rápida fase de transição, uma “mudança de época” em que, enquanto alguns disputam o futuro das novas tecnologias e outros se dedicam à reflexão sobre elas, a maioria das pessoas permanece aguardando, observa de longe, simplesmente esperando que tudo corra bem. Exatamente por isso, impõem-se à nossa consciência questões decisivas, que já não podem ser evitadas: para onde vamos? Para que meta desejamos nos orientar? Que direção escolher enquanto comunidade humana e enquanto povos?

Duas imagens bíblicas

7. Para responder a essas questões e discernir como viver com responsabilidade a era da inteligência artificial, gostaria de evocar duas imagens bíblicas: a da edificação da torre de Babel (cf. Gn 11,1-9) e a da reconstrução das muralhas de Jerusalém (cf. Ne 2-6). No livro do Gênesis, o relato de Babel se situa nas origens da humanidade, imediatamente após as genealogias dos filhos de Noé. Os seres humanos, tendo se estabelecido na planície de Senaar, decidem construir uma cidade e uma torre “cujo topo alcance o céu” (Gn 11,4). Pretendem, assim, obter estabilidade e poder; além de, sobretudo, tornarem-se “famosos”, temendo ser dispersos pela terra. A empresa mostra-se imponente: uma única língua, uma única tecnologia, uma única direção. Todavia, o projeto esconde uma profunda insídia: é uma obra pensada sem referência a Deus, sustentada por uma uniformidade que elimina

a diversidade e que, em vez da comunhão, opta pela homogeneização. Quando a cidade se edifica sobre o orgulho e a pretensão de bastar a si mesma, a comunicação é interrompida, as línguas confundem-se e os seres humanos deixam de se compreender. O resultado não é a unidade, mas a dispersão. Desse modo, Babel revela o limite de qualquer construção, ainda que grandiosa, surgida da absolutização do humano e da sua pretensão de autossuficiência, do sacrifício da dignidade das pessoas em nome da eficiência e da ambição de alcançar o céu sem a bênção de Deus.

8. O livro de Neemias, por sua vez, começa em um momento de grande vulnerabilidade na história do antigo Israel. Após o exílio babilônico, uma parte do povo regressou a Jerusalém, mas a cidade continua devastada, com as muralhas ainda em ruínas e as portas consumidas pelo fogo (cf. Ne 1-2). Neemias, um judeu a serviço do rei persa Artaxerxes, recebe a notícia do estado desastroso da cidade dos seus pais. Antes de agir, jejua, reza e intercede pelo povo; depois, pede ao rei permissão para regressar a Jerusalém e, ao chegar ao destino, examina em silêncio os lugares destruídos. Não impõe soluções vindas do alto: convoca as famílias, confia a cada uma delas uma parte da muralha para reconstruir, ouve os receios, coordena os esforços, enfrenta as oposições. O relato mostra como a cidade renasce não graças à iniciativa de uma única pessoa, mas pela responsabilidade partilhada por todo o povo: sacerdotes, artesãos, chefes de família, mulheres e jovens. É uma obra que tem Deus no centro e que reconstrói as relações antes mesmo das pedras. Com efeito, a antiga Jerusalém reencontra uma linguagem comum, não a da uniformidade, mas a da comunhão: a harmonia que brota quando cada um assume a própria responsabilidade e todo o povo reconhece que sua força provém do Senhor.

9. À luz dessas duas imagens, o Espírito Santo nos interpela hoje sobre nossa relação com a técnica e com a revolução digital em curso. As descobertas científicas são um dom concedido à humanidade para que esta o faça frutificar (cf. Mt 25,14-30). A tecnologia pode curar,

conectar, educar, cuidar da Casa Comum; mas também pode dividir, descartar, gerar novas injustiças. Na teoria, em si mesma, ela não é uma solução para os problemas da humanidade, assim como não é, em si mesma, um mal; todavia, na prática, não é neutra, porque tem o rosto daqueles que a concebem, financiam, regulam e utilizam. Por isso, a primeira escolha não é entre um “sim” ou um “não” à tecnologia, mas entre edificar Babel ou reconstruir Jerusalém: entre um poder que pretende dominar o céu, ou um povo que, unido, na presença de Deus, começa o trabalho de reerguer os muros da convivência fraterna.

10. Evitemos, portanto, a “síndrome de Babel”: a idolatria do lucro, que sacrifica os mais fracos; a uniformidade, que anula as diferenças; a pretensão de uma linguagem única – mesmo digital – dedicada a traduzir tudo em dados e desempenhos, inclusive o mistério da pessoa. Este é o risco da desumanização: construir o futuro excluindo Deus e reduzindo o outro a um meio; uma tentação tão antiga e tão nova, que hoje assume também uma faceta técnica. Pelo contrário, escolhamos o “caminho de Neemias”, que destaca o valor do trabalho conjunto para garantir a segurança da cidade de Deus aos exilados que regres- sam. Reconstruir, hoje, significa reconhecer, na pluralidade de vozes e visões, que por vezes lembra a dispersão das línguas, a existência de uma possibilidade luminosa: a de edificar juntos, transformando a diversidade em recurso e fazendo da escuta e do diálogo o terreno comum no qual crescem a justiça e a fraternidade. No âmbito dessa obra partilhada, os cristãos encontram sua forma específica de construir: orientar a ação para Deus, de modo que, à sua luz, o pluralismo não se disperse na desordem, mas, pela prática da sinodalidade, se torne o lugar no qual a humanidade reencontra seus sólidos alicerces e seu fim último. No Apocalipse, João vê a nova Jerusalém “descendo do céu, de junto de Deus” (Ap 21,2), como um dom para toda a huma- nidade. Essa visão de graça constitui, para nós, cristãos, um apelo a trabalhar juntos, cultivando uma coexistência pacífica, justa e digna nas “cidades” de hoje.

Construir no bem

11. Construir uma cidade orientada para o bem comum exige, em primeiro lugar, edificar sobre a rocha da relação com Deus. Reconhecer que a verdade do seu amor nos chama a uma vida “em abundância” (Jo 10,10) e à comunhão com Ele. Também nós podemos dizer com Santo Agostinho: “Criastes-nos para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós”.¹ Na verdade, Deus gravou em nosso coração um desejo de felicidade que envolve todas as dimensões da vida, e a Igreja, no diálogo com os homens e as mulheres do nosso tempo, sente a urgência de guardar e orientar essa aspiração rumo à sua verdade mais profunda.

12. Em segundo lugar, edificar no bem significa aceitar os limites e a fragilidade da humanidade, sem considerá-los um erro a ser corrigido. Hoje, o desejo de plenitude do ser humano corre o risco de ser desviado para objetivos enganadores: a ilusão de uma técnica que promete nos libertar de toda fragilidade ou de modelos de bem-estar que “deixam para trás” povos inteiros. Não raro, depositamos a esperança em um aperfeiçoamento sem limites, em formas de progresso que podem exacerbar as desigualdades, em soluções imediatas incapazes de curar as feridas dos povos. Então, enquanto alguns perseguem a quimera de uma autoafirmação ilimitada, muitos continuam sem o essencial. A Igreja recorda – com voz humilde, mas firme – que a verdadeira realização não nasce da supressão das fragilidades, mas de um crescimento harmonioso: no qual a liberdade e a responsabilidade se entrelaçam com o cuidado recíproco e a verdadeira solidariedade, e no qual o progresso se mede pela dignidade de cada um e pelo bem dos povos.

13. Construir um mundo onde todos possam “florescer” exige, em terceiro lugar, uma corresponsabilidade corajosa. Nenhuma mão, sozinha, é suficiente para aguentar o peso dos desafios que assolam o mundo; e nenhuma mão é tão fraca que não possa dar sua contribuição:

¹ Santo Agostinho, *Confessiones*, I, 1, 1 (*Corpus Christianorum Series Latina* 27).

“Na fraqueza que a força se realiza plenamente” (2Cor 12,9). A cada um seu pedaço da muralha: cientistas e estudiosos, empresários e trabalhadores, educadores e legisladores, sociedade civil, movimentos populares e comunidades de fé. Essa é a lógica da subsidiariedade, que valoriza a cooperação entre gerações, povos, disciplinas e culturas como caminho principal para fazer crescer a estabilidade, a prosperidade e a paz. As tensões e as diferenças não devem intimidar, pois, quando orientadas por uma responsabilidade comum, podem se tornar forças criativas.

14. Por fim, edificar no bem exige uma linguagem evangélica. Evitemos palavras que humilhem ou criem oposições. Escolhamos a clareza que ilumina e a franqueza que abre caminhos. Não abençoemos entusiasmos ingênuos, não alimentemos medos estéreis. Em vez disso, indiquemos critérios de discernimento – dignidade da pessoa, destinação universal dos bens, opção pelos pobres, cuidado com a Casa Comum, paz – e transformemo-los em ações: planejamento responsável, avaliações de impacto humano e social, inclusão dos mais frágeis, alfabetização digital, pesquisa e indústria orientadas para a justiça e a paz.

Permanecer humanos

15. No recente Jubileu Ordinário de 2025, caminhamos como peregrinos da esperança e fomos cumulados de graças. Fortalecidos por esses dons, podemos avançar com ânimo confiante perante as árduas tarefas e os exigentes desafios que se apresentam no nosso futuro. Na era da inteligência artificial, em que a dignidade humana corre o risco de ser ofuscada por novas formas de desumanização, temos o dever urgente de permanecer profundamente humanos, salvaguardando com amor essa magnífica humanidade, que nos foi plenamente dada e manifestada em Cristo, e que jamais alguma máquina poderá substituir no seu esplendor. O verdadeiro progresso nasce sempre de um coração aberto ao outro, de uma inteligência disponível para ouvir, de uma vontade que procura mais o que une do que o que separa.

16. A todos os fiéis católicos, a todos os cristãos, a todos os homens e mulheres de boa vontade, dirijo um comovido apelo: não tenhamos medo de sujar as mãos no canteiro de obras do nosso tempo. Como Neemias, rezemos, planejemos com sabedoria, trabalhemos com perseverança, recolocando Deus no horizonte do nosso agir e o ser humano no centro das nossas escolhas. Então, as pedras rejeitadas – os pobres, os doentes, os migrantes, os pequenos – se tornarão a pedra angular, e na terra se erguerá uma sólida e acolhedora morada comum, onde o amor e a verdade finalmente se encontrarão e a justiça e a paz se beijarão [cf. Sl 85(84),11]. Esta é a bênção que imploramos de Deus e a tarefa que nos espera: ser construtores de comunhão, não arquitetos de Babel; servos do Reino que vem, não senhores de torres destinadas a ruir. E, com espírito de pastor e pai, peço a todos que parem a construção da enésima Babel, congregando forças para edificar no bem, a fim de que a humanidade nunca perca a própria beleza e o mundo possa reconhecer mais uma vez, no coração do ser humano, o lugar onde Deus deseja habitar.